

não fosse que nos anos 90, Tavani e a sua esposa, Giulia Lanciani, foram incumbidos de dirigir e coordenar o fundamental *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, que saiu em 1993. A forma de dicionário permitiu aos dois tecer, verbete atrás verbete, uma enciclopédia – não apenas literária, apesar do título – da civilização galego-portuguesa, convidando os mais conhecidos especialistas das várias áreas a colaborar nesse *opus magnum*, no qual se depositam e se cruzam saberes diversos, até formar, por acumulação, um monumento àquela época longínqua e fascinante.

Na verdade, o meu querido Mestre não parou de pesquisar e publicar até meados do ano passado, mostrando uma lucidez impressionante, apesar dos sintomas da doença que o levou, enfim, ao falecimento. O único, dolorosíssimo acontecimento que apagou a sua vontade de continuar a estudar e a escrever foi a perda de Giulia: com a morte dela a luz apagou-se de vez e o que restou foi um penoso sobreviver. Que ele descanse em paz junto com a sua Esposa, enquanto eu, seu antigo e sempiterno aluno, continuarei a cultivar na lembrança a sua lição de humanidade e a sua obstinada vontade de decifrar o segredo dos textos, de tirar o véu transparente a esconder aquela verdade que apenas a literatura consegue confiar-nos nas suas tortuosas e imprevisíveis andanças. ETTORE FINAZZI-AGRÒ

João Bigotte Chorão (1933-2019)

João Dagoberto Forte Bigotte Chorão (Guarda, 18-10-1933) faleceu em Lisboa a 23 de Fevereiro último. Membro do Conselho Científico de *Estudos Italianos em Portugal* e divulgador de autores transalpinos ao longo de décadas, é mais conhecido, todavia, como estudioso de Camilo Castelo Branco. Foi, durante décadas, director literário da Verbo, onde secretariou as principais enciclopédias da editora, para as quais re-

digiu inúmeros verbetes. Membro da Academia das Ciências e de outras instituições, sorriso amável e atento, perdem as culturas românicas um raro interlocutor entre nós.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, aqui se estreia com a diarística de *O discípulo nocturno* (1965) e *Aventura interior* (1969). Entre Unamuno e brasílicos, edita um inesperado *Vintila Horia ou um camponês do Danúbio* (1978), antes de ancorar em *Camilo. A obra e o homem* (1979).

Presença regular nas jornadas camilianas de Vila Real, nos anos 80, organizadas por A. M. Pires Cabral e Elísio Amaral Neves – cidade aonde voltará para outras homenagens –, mais do que se justificava uma revisão do autor de *A brasileira de Prazins* (que prefacia em 2001), agora *Camilo. Esboço de um retrato* (1989), visando aproveitar da vida deste “o que for indispensável ao conhecimento da obra”. Recusando, por um lado, “o biografismo exaustivo e anedótico” e, por outro, “o texto completamente autonomizado do autor”, reconhece que “Este livro não é uma biografia, nem um ensaio de interpretação literária, nem uma tese universitária”, mas “uma síntese da vida e da obra de Camilo”. Explicitamente, convoca “esse leitor, estudante ou homem da rua, tantas vezes perdido no labirinto camiliano”. *Páginas camilianas e outros temas oitocentistas* (1990), *Camilo camiliano* (1993) e *O essencial sobre Camilo* (1997) colocam-no entre os principais exegetas do grande Romântico.

Não só. Para mais largamente conhecer o ensaísta, comecemos pelo álbum de família que é *Galeria de retratos* (2000), onde retoma o desenho de *O escritor na cidade* (1986). Por ordem cronológica, apresenta balanços de Camões, Vieira, Garrett, Camilo, Carlos Malheiro Dias, Almada-Negreiros, Francisco Costa, “José Régio íntimo”, Torga, Moreira das Neves, Álvaro Ribeiro, António Quadros, Afonso Botelho, antes de passar a brasileiros (Alceu Amoroso Lima, Drummond, Lúcio Cardoso, diaristas, Marcos Barbosa, Nelson

Rodrigues), a Unamuno, a Papini e Piero Bargellini, aos romenos Eliade e Vintila Horia.

Textos saídos na Imprensa entre 1971 e 1998, afora dois inéditos, somente o primeiro, “Camões, poeta para um tempo de desastre” (1976), cede ao ar do tempo, na analogia com “época de sabotagem moral em que parece que é proibido ser português em Portugal” (p. 12). Outro modo de lermos esta colectânea encontra-se na reiterada afirmação de uma vívida portugalidade, mesmo quando nos apresenta estrangeiros. Neste ponto, a notícia de um diário inédito de Mircea Eliade sobre os seus anos portugueses (p. 227) foi uma revelação.

Três nomes principais dominam esta *galeria*: Camilo, na complexa relação com as mulheres e, em especial, Ana Plácido; Malheiro Dias, que curou em *Carlos Malheiro Dias na ficção e na história* (1992), aqui retomado enquanto destinatário de carta inédita de Amoroso Lima: sucede a “Carlos Malheiro Dias, 1875-1941: o sobrevivente de si próprio”, na *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, 6 (2), 1991, pp. 53-60, e precede verbete na enciclopédia *Biblos*, 2, 1997, cols. 122-124; enfim, Garrett, recuperado de prefácio às *Viagens na minha terra* (1998), esse “livro seminal” (p. 39).

Quanto ao diarista, podemos começar por vê-lo num arco temporal que vem de 1958 a 2015. Dos cinco ‘livros’ que compõem *Diário quase completo* (2002), três eram conhecidos: *O discípulo nocturno*, 1965; *Aventura interior*, 1969; *O reino dividido*, 1999, sobre que se debruça a páginas 584-586. Despediu-se com *Diário 2000-2015* (2018). Aqui e ali, retoma nomes de eleição: João de Araújo Correia, sobre quem assinara *João de Araújo Correia – Um clássico contemporâneo* (1986), tendo ainda prefaciado *O mestre de nós todos* (org. de José Braga-Amaral, 1999); Carlos Malheiro Dias; Tomaz de Figueiredo, que já resumira em *O essencial sobre Tomaz de Figueiredo* (2000); e Camilo, fechando a única ‘família’ a que reconhece pertencer, a “honrada família dos que na solidão

da agonia gritam ao distante céu nocturno o seu abandono” (2002, p. 27).

Isto tem consequências na atitude do criador, em exílio interior e no seu país, bem como na recepção de uma obra – e podemos entrever mágoa pessoal –, com lembretes e retratos que também definem a nossa realidade cultural. Outros encontros se sucedem: Aquilino, Almada, Ferreira de Castro, Francisco Costa (antes, dera *Diálogo com Francisco Costa*, 1995), Joaquim Paço d’Arcos, João Maia, etc., além de brasileiros, italianos e romenos. A Itália de Papini vai de seduzilo, já inebriado por tantos artistas e cidades, em particular Florença, que lhe arranca as melhores páginas. O também diarista Vintila Horia exilado em Espanha é-nos apresentado como um aristocrata do espírito, essoutra linhagem de que todos desertam. A grande inspiração nacional, que desagua em memorável convívio, chama-se, porém, Torga: ideologicamente diversos, provada fica a triste pendência de uma nação dividida (e tanto se critica o marxismo como certos meios católicos ou de direita); dentro da memorialística, é nome regular no debate sobre a expressão do diário, a partir dos seus melhores cultores.

Neste quadro, convoca, além de Soffici, Pavese, Mircea Eliade, Ionesco, Léautaud, Ernst Jünger e Lúcio Cardoso, a trindade Montaigne, Amiel e Gide, “que apenas quiseram ser espectadores do grande teatro do mundo” (p. 33), cujo “totalitarismo” e mesmo insinceridade se recusa. Em contrapartida, o *Journal* de Julien Green, “itinerário para o invisível” – lendo “maior empenho social” (p. 41) no de Torga – fá-lo diarista regular. Considerado o “mais híbrido” dos géneros, dele aproveita J. Bigotte Chorão “a crítica impressionista, [...] o plano de ensaio, a reflexão intemporal, o comentário circunstancial”, incluindo a confissão “na terceira pessoa” (p. 38). É justo afirmar que João Bigotte Chorão ascendeu à galeria dos grandes diaristas. ERNESTO RODRIGUES